

# Um país doente

Apesar de todo o investimento feito pelo poder público e pela iniciativa particular na área de saúde pública e de assistência médica, infelizmente os dados estatísticos confirmam a penosa frase dita no passado no tocante à realidade nacional: "O Brasil é um vasto hospital". A afirmação recente de dois parlamentares da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados não deixa margem a dúvidas e alerta a consciência dos poderes públicos e da comunidade para essa trágica verdade: há 25 milhões de brasileiros atacados pelas doenças mais diversas, que vão do mal de Chagas à tuberculose, da malária às doenças mentais, da esquistossomose à lepra. E tudo sem esquecer a infância desnutrida, o câncer, a mortalidade precoce por doenças do coração, stress e outros males da civilização contemporânea.

Esse dado estarrecedores, que os Deputados Carlos Mosconi e Borges da Silveira estão levando ao conhecimento da opinião pública pelo país afora, numa tentativa de sensibilizar a comunidade para os graves aspectos da saúde no Brasil, não podem ser ignorados, esquecidos ou recebidos com ceticismo. O levantamento da Comissão de Saúde da Câmara mostra que o país tem cerca de oito milhões de portadores de doença de Chagas, doze milhões com esquistossomose, verminose em setenta por cento da população rural, desnutrição matando dez por cento dos recém-nascidos, duzentos mil novos casos de malária por ano e, em coroamento, um impressionante número de doentes mentais — dentro e fora dos sanatórios.

A saúde, infelizmente, é um dos pontos negativos da realidade nacional desde há muito tempo. Há pouco mais de meio século, por exemplo, o Rio de Janeiro era um foco de febre amarela, finalmente erradicada por um esforço notável de homens como Oswaldo Cruz. O Rio dessa época apresentava a triste realidade de uma cidade a que muitos navios carregados de turistas estrangeiros simplesmente contornavam, para deslumbramento de suas paisagens naturais, mas onde ninguém se atrevia a desembarcar, com medo de contrair malária, lepra, febre amarela e um sem-número de doenças que estavam ali mesmo nos corticos junto ao cais do porto, à espera do visitante desinformado.

Ainda hoje, a poucos quilômetros da capital

da República, mostra o Centro-Oeste um quadro desanimador de doenças rurais, especialmente endemias que resistem a numerosas e persistentes campanhas de erradicação que, diga-se a bem da verdade, nunca deixaram de ser realizadas pelas autoridades competentes.

Ao que tudo indica, se os 25 milhões de brasileiros doentes de vários tipos de moléstias ainda estão em segundo plano é porque falta decisão política de colocar a matéria no primeiro patamar das preocupações governamentais, do próprio Congresso, das administrações estaduais, municipais e enfim, de toda a comunidade brasileira. Essa crença é tão mais verdadeira quando se constata que em determinados assuntos em que o Governo tomou seriamente a iniciativa da ação, os resultados revelaram-se extraordinários. Recorde-se o que foi a ciclopica campanha nacional de vacinação contra a meningite, há alguns anos, que imunizou toda a população brasileira, causando assombro à Organização Mundial de Saúde e a várias nações. Veja-se, também, o que tem sido a campanha permanente de vacinação e revacinação contra a poliomielite, que baixou a incidência dessa grave moléstia a índices inexpressivos em termos absolutos.

É de se concluir, portanto, que somente quando uma política nacional de saúde for colocada no primeiro plano da preocupação nacional é que o país terá, finalmente, clara consciência da necessidade de enfrentar cara a cara essa cruel realidade. Nesse sentido, a Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados presta um efetivo serviço de interesse público ao alertar as autoridades, os médicos, a imprensa e a opinião nacional sobre a alarmante incidência de doenças endêmicas, epidêmicas e crônicas, além de outros aspectos relacionados com a realidade sanitária do país.

Não se pode ficar de braços cruzados quando se verifica que uma quinta parte da população total do Brasil está afetada por doenças, algumas das quais já deveriam ter sido erradicadas do território nacional há muito tempo, enquanto outras apresentam números bem acima do que seria admitido como normal. A situação é calamitosa. E decisões sérias precisam ser tomadas para enfrentar esta espantosa realida-